

## ALBERT CAMUS

---

★ Mondovi, Argélia, 1913

† Sens, França, 1960

Filho de lavradores, teve uma infância difícil, sobretudo depois da morte do pai ocorrida durante a Primeira Guerra Mundial. Ingressou, como bolsista, num liceu em Argel, chegando à universidade em 1931. Com sérios problemas financeiros e de saúde, dedicou-se à carreira literária, que iniciou como jornalista e fundador do Teatro do Trabalho. Após vários anos de militância no Partido Comunista, mudou-se para Paris em 1940, cidade que abandonou quando da invasão nazista. Pouco depois, regressou à França, aderindo à resistência como diretor da revista *Combat*. Uma de suas obras mais importantes, *A peste*, narra a luta de um médico contra uma epidemia, que simboliza a ocupação alemã na França. Contemporâneo e amigo de Jean-Paul Sartre, seus romances registram uma visão desesperançada da condição humana. Em 1957, Camus recebeu o Prêmio Nobel de Literatura.

**OBRAS PRINCIPAIS:** *O estrangeiro*, 1942; *A peste*, 1947; *O estado de sítio*, 1948; *A queda*, 1956; *O exílio e o reino*, 1957

ALBERT CAMUS

por Antonio Carlos Resende

O escritor argelino Albert Camus, filho de franceses, passou a infância em um bairro pobre, porém confessou mais tarde que a pobreza nunca foi uma desgraça. Já era, como Sartre, um nome consagrado da jovem literatura francesa quando, nos anos 1950, foi recebido com festas por intelectuais gaúchos na capital. Em seu diário, publicado postumamente, escreveu que Porto Alegre era uma cidade feia e que lhe impingiram assistir ao famoso pôr-do-sol do Guaíba, que nada tinha de famoso ou extraordinário, igual aos que já vira, nada de especial. Bem, não importa. Camus era dureza.

O ganhador do Prêmio Nobel de 1957, como outros franceses, influenciou minha geração. Comecei lendo, em tradução espanhola de 1955, *O estrangeiro*. Com timidez, anotei na página 61 que “a ambiência do romance me lembrava o filme *Umberto D.*, de Vittorio De Sica, os protagonistas simples, amorosos de Saroyan, a dolorosa indiferença dos atores Marlon Brando e James Dean”. Personagem inexorável, Mersault desprezava a vida, ao contrário de seu criador, que repetia que a sua fraqueza é que amava a vida. “Amo-a tanto que não tenho nenhuma imaginação para o que não for vida.”

Se você tem interesse vivo por literatura, não pode se dar o direito de não estudar Camus: pelo que representa como artista, pensador, combatente, homem. Para ele, a arte é, em certo sentido, uma revolta contra o mundo no que este tem de fugaz e inacabado.

Estudando-o, você vai conhecer o clima existencialista dos anos 40 e 50, a polêmica com Sartre, sua luta como resistente à invasão alemã, seus amores, a vida de Paris, a procura dele dum sentido de vida num mundo que não tem sentido, mas enfatizando que o absurdo da vida pode se transformar numa esperança lúcida e solidária.

Se você tem inspiração de ser escritor, vai encontrar em Camus esta reflexão irrefutável: “Cada artista mantém no fundo de si mesmo uma fonte única que alimenta durante a sua vida a ele e as que diz. Quando a fonte secou, vê-se pouco a pouco a obra endurecer, fender-se. São as terras ingratas da arte que a corrente universal não irriga”.

Se você abordar seus livros pelo prazer da leitura, vai notar que ao longo de sua escritura ele não conseguiu esconder uma enorme preocupação com a vida e a morte, assim como com o suicídio: “A morte para todos, mas para cada um a sua morte”.

Entre no universo de Camus, mas cuidado para não se enredar nos temas cruciais do sentido da vida, da absurda relação do homem com o mundo, da angústia, da revolta com a unidade como solução. Ingresse no mundo de Camus, mesmo sabendo que pode voltar com a alma a arder, como ele ardeu em seu fatal acidente de automóvel em 4 de janeiro de 1960. Tinha apenas 47 anos.

## ALBERTO MORAVIA

---

★ Roma, Itália, 1907

✚ Roma, Itália, 1990

Moravia, cujo nome na realidade era Alberto Pincherle, obrigado a interromper seus estudos por questões de saúde, desde cedo dedicou-se ao jornalismo e à literatura. Sua obra caracteriza-se pelo estilo coloquial, que reforça o amargo realismo com que aborda os aspectos da vida moderna. O sexo, a solidão e as frustrações existenciais foram seus temas constantes, denunciando a precariedade das relações humanas. Em 1929, publicou *Os indiferentes*, romance em que estigmatiza a corrupção moral da classe média. Em *Contos romanos*, o escritor enfatiza os dramas e vicissitudes das camadas mais pobres da população. Perseguido pelo fascismo, Moravia exerceu a militância política ao findar a Segunda Guerra Mundial. Tornou-se célebre no exterior com a adaptação de várias de suas obras para o cinema. Em 1963, expôs suas idéias sobre literatura nos ensaios de *O homem como meta*. Em 1984, foi eleito deputado pelo Partido Comunista Italiano.

**OBRAS PRINCIPAIS:** *Os indiferentes*, 1929; *As ambições erradas*, 1935; *Agostino*, 1944; *A romana*, 1947; *Contos romanos*, 1954; *Il disprezzo*, 1954; *A camponesa*, 1957; *La noia*, 1960; *Novos contos romanos*, 1983

ALBERTO MORAVIA

por Maria Teresa Arrigoni

Moravia teve seu talento literário reconhecido já em seu primeiro romance, *Os indiferentes*, que surgiu no panorama cultural italiano em pleno fascismo. Enquanto a propaganda do regime procurava enfatizar os feitos militares e expansionistas, Moravia dirigiu seu olhar para a vida comum de uma família italiana de classe burguesa. Acompanhando esse mi-

crocossimo em seu dia-a-dia, percebemos a falta de interesse vital que toma conta dos personagens, mesmo os mais jovens, os irmãos Carla e Michele. Com seu estilo teatral, que parece fechar a cortina entre um capítulo e outro, o autor mantém um tom narrativo que, de certa forma, quebra o clima sufocante provocado pela incapacidade de reagir dos personagens. O único que age, pensando somente em si mesmo, é Leo, o corrupto amante de Mariagrazia, a mãe dos jovens; ele não se limita a manipular em seu proveito as finanças da família e a desafiar Michele para demonstrar a incapacidade do rapaz, mas também atua como sedutor da jovem Carla. A indiferença toma conta de tudo e de todos, envolve os personagens, imobilizando-os, impedindo-lhes qualquer reação. E, embora em sua primeira obra isso não pudesse ser explicitado, não seria a indiferença com relação aos fatos políticos, à vida social, aos problemas do cotidiano a causa subterrânea do advento da ditadura fascista no caso italiano?

Em outra obra, talvez pouco comentada, o autor explorou as inquietações do descobrimento do mundo e da iniciação ao sexo por parte de um jovem chamado Agostino, protagonista que dá nome ao romance. Moravia percorreu ainda outros caminhos, que o aproximaram da estética neo-realista ao tecer o retrato de *Romana* e narrar as desventuras da *La Ciociara*, obras que ultrapassaram as páginas escritas e foram transpostas para o cinema. Também se expressou através dos quadros que narrou nos *Contos romanos*, breves cenas de vida na capital italiana, com suas contradições e amarguras.

O tema do tédio comparece em suas obras posteriores, *La noia* e *Il disprezzo*, em que o sentimento da inutilidade da própria existência não deixa de ser atual e abrangente neste nosso século em que a fragmentação dos valores aliada à falta de confiança nas instituições nos atinge e, por vezes, nos deixa sem ação. O autor toca, pois, em um ponto crucial, válido também para o século XXI, o da alienação, que é causa e ao mesmo tempo se nutre cada vez mais das mazelas da sociedade industrial e capitalista que vai dominando e sufocando nossas melhores características, tornando-nos seres apáticos, distantes, descrentes.

## ALDOUS LEONARD HUXLEY

---

★ Godalming, Inglaterra, 1894

‡ Los Angeles, EUA, 1963

De ilustre família inglesa, estudou em Eton e Oxford, bacharelando-se em Letras. Dedicou-se à literatura, publicando inicialmente poemas. Viveu na Suíça e nos Estados Unidos, escrevendo sobre assuntos variados. Sua curiosidade levou-o a conhecer outros países, dentre os quais o Brasil. Além disso, submeteu-se a experiências pioneiras sobre a expansão da consciência, ingerindo alucinógenos. Culto e requintado, Huxley publicou uma série de romances nas décadas de 1930 e 1940, criando uma técnica experimental que envolvia a discussão de idéias. A crítica aponta em sua obra a antecipação da contracultura das décadas de 1960 e 1970, tais como a rejeição ao consumismo, a inclusão de tendências anarquistas, o interesse pelo Oriente e as experiências místico-visionárias. Um de seus romances mais conhecidos, *Admirável mundo novo*, é um libelo contra a fé no progresso científico e materialista que, para o escritor, esmaga a individualidade.

**OBRAS PRINCIPAIS:** *Contraponto*, 1928; *Admirável mundo novo*, 1932; *Sem olhos em Gaza*, 1936; *O macaco e a essência*, 1949; *A ilha*, 1962

ALDOUS HUXLEY

por Patrícia Lessa Flores da Cunha

Escritor inglês de grande sucesso junto ao público, especialmente durante as décadas de 1920 a 1940. Nesse período, escreveu romances, contos e ensaios que repercutiram no ambiente literário de sua época. Foi contemporâneo de Virginia Woolf, Katherine Mansfield, Dorothy Richardson, James Joyce, D. H. Lawrence, entre outros não tão conhecidos do leitor brasileiro, pertencendo, pois, a uma geração de autores

inovadores e contestadores, a dos anos de 1920, considerados “anos heróicos” no cenário da literatura inglesa moderna, por recolocarem, de forma revulsiva, transcendendo fronteiras e linguagens, a Inglaterra na vanguarda da cultura ocidental.

De origem aristocrática, autor reconhecidamente controvertido, “modernista”, Aldous Huxley foi, de certo modo, desprezado pelos companheiros do círculo literário da época, sendo esnobado até pelo famoso grupo de Bloomsbury, que não via com bons olhos a receptividade de que gozavam seus escritos, principalmente entre os jovens. Nesse sentido, até hoje permanece um escritor *cult*.

Apesar disso, ou por isso mesmo, a crítica sobre Aldous Huxley é de difícil acesso; ele foi o que pode ser considerado um escritor de época. A seu tempo bastante discutido, rebatido e interpretado, pouco se encontra hoje sobre suas obras, embora, paradoxalmente, tenha sido dos primeiros escritores a se preocupar com a trajetória do homem contemporâneo, à medida que ele mesmo se deixava impregnar pelo ceticismo e pela angústia diante dos cada vez mais complicados maniqueísmos da sociedade do século XX.

Como escritor, Huxley era um homem de idéias, sabendo manipulá-las tão bem a ponto de incendiar os espíritos mais audazes com o efeito de sua expressão artística. Enquanto viveu, foi o centro de polêmicas: muito de seus escritos vieram a adquirir matizes proféticos com o advento de importantes descobertas científicas, como são os casos notórios de *Admirável mundo novo* e *O macaco e a essência*. Sob esses aspectos, insere-se também na corrente ficcional partilhada com George Orwell e H. G. Wells.

No entanto, *Contraponto* é o grande livro de Huxley, pelo menos o que lhe trouxe maior fama. Escrito em 1928, pretendeu ser algo novo, embora para muitos seja uma continuação, talvez mais bem desenvolvida, de idéias anteriormente propostas por André Gide em *Os falsos moedeiros* (1925). A idéia básica do romance – e que, em certa medida, explica o título – é a simultaneidade dos eventos em si: diferentes pessoas percebem diferentemente as mesmas situações, tendo como produto final a multiplicidade que compõe o universo, porém de maneira orgânica e estável. Assim, as personagens estão sem-

pre se contrapondo, ou melhor, o autor as contrapõe em um esquema que lembra o jogo científico de ação *versus* reação.

Outra “novidade” que o texto de Huxley apresenta, também relacionada com a estrutura da narrativa, é o uso do *flashback*: determinado incidente, às vezes ao final, outras vezes no meio de um capítulo, serve para iniciar, no narrador, um movimento retroativo, com o que busca estabelecer, frequentemente, a progressão temporal da história. Esse recurso de recuperação da memória quase sempre se cruza com o outro, já mencionado, da simultaneidade. Na verdade, existem em *Contraponto* dois movimentos distintos, mas entrelaçados na continuidade da ação: um caracteriza o prolongamento do eixo temporal, mediado pelas idas e vindas da lembrança; outro provoca o adensamento da noção, através do confronto das várias percepções diante do mesmo fato.

Essa constatação muitas vezes perturba o leitor, pois são tantas as personagens do romance, e o procedimento tão utilizado através delas, que se chega a considerá-lo banal. No entanto, em Huxley, tudo tem razão de ser: a sua concepção artística é extremamente racional, como bem demonstra o seu texto. O movimento da narrativa pode ser confuso, mas também é sobretudo real: o autor consegue, com êxito, indicar avanços e *démarches* da existência humana no seu cotidiano.

Entre suas obras mais conhecidas, além das anteriormente referidas, citam-se ainda *Crome Yellow* (1921), *Antic Hay* (1923), e o ensaio “Heaven and Hell” (1956).